

DO CULTO AO CORPO AO BODY POSITIVE¹

From the cult of the body to the body positive

Santos, Aline Julia dos; Graduanda; Universidade Estadual de Londrina,
aline.jusan@gmail.com²

Oliveira, Késia Rodrigues de; Graduanda; Universidade Estadual de Londrina,
keh.rodrigues5@gmail.com³

Silva, Maria Antônia Romão da; Me; Universidade Estadual de Londrina,
antoni.mari@uel.br⁴

Resumo: O presente artigo discute a influência de movimentos de quebra de padrões corpóreos na atualidade e discorre sobre as modificações e significados dos padrões impostos no último século que mudaram o vestir e deixaram uma herança cultural que afeta os cuidados com o corpo e os estereótipos.

Palavras chave: Padrões de beleza; Moda; Redes Sociais.

Abstract: This article discusses the influence of movements that break body patterns nowadays and discusses the changes and meanings of the standards imposed in the last century that changed dress and left a cultural heritage that affects body care and stereotypes.


Keywords: beauty standards; Fashion; Social networks

¹ Texto revisado por Marina Botura Mataram. Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: marinaboturamataram@gmail.com

² Graduanda em Design de Moda pela Universidade Estadual de Londrina.

³ Graduanda em Design de Moda pela Universidade Estadual de Londrina.

⁴ Doutoranda em Educação e Mestre em Educação (PPEDU/UEL). Membro dos grupos de pesquisa certificados pelo CNPq: Design de Moda; Cognitivismo e Educação. Especialista em Metodologia da Ação Docente e em Gestão do Design; Graduada em Design de Moda. Docente na Universidade Estadual de Londrina.



Introdução


Ao estudar os povos da antiguidade, observa-se que cada um possuía padrões de corpo e beleza diferentes. Com o passar do tempo, tanto os povos quanto as culturas foram se misturando, as expedições dos países europeus e a disseminação de sua cultura por meio das artes e da religião influenciou na formação de um padrão ideal.

O preconceito com o corpo, desde a nossa remota história, é mais grave do que se pode pensar. Documentos históricos mostram métodos não ortodoxos de molde e emagrecimento corporal, além de maus tratos com deficientes físicos. Essas práticas moldaram a sociedade atual, na qual incentivou a exclusão das pessoas deficientes na sociedade, levando os meios de comunicação a dissipar ideais sobre a beleza feminina e técnicas de transformações estéticas. O corpo anormal, “diferente”, “defeituoso” ou “deformado” – em particular, o “gordo” –, serve de tema crítico do padrão ou da imagem ideal e desejável cultivada pelas sociedades de inevitáveis heranças pré-históricas, helênicas e eugênicas (LEMOS; OLIVEIRA; MEIHY, 2015).

O presente artigo tem como método a pesquisa exploratória aliada à bibliográfica, com o intuito de abordar as transformações sociais do corpo e suas causas até o momento atual. Analisa, com base em imagens coletadas, como o culto ao corpo ganhou força e a maneira que tal força, ao mesmo tempo, perde poder, graças aos movimentos de contracultura nas redes sociais, como, por exemplo, o *Body Positive* e o destaque a personalidades com corpos diversos.

A trajetória do corpo

O padrão de corpo magro veio se moldando ao longo dos séculos. O corpo gordo já foi um símbolo de beleza, nas artes plásticas, representava a fartura, fertilidade e feminilidade dos corpos. As dietas, que antes tinham motivos espirituais, no final da era vitoriana, foram adotadas pela classe média como uma forma de regular o consumo de alimentos de tal maneira que resultasse em um corpo idealizado. A obesidade passou a



ser considerada um indicador de qualidades morais e mentais como a preguiça e a falta de força de vontade. A partir disso, essa tendência de modificar o corpo só se intensificou, passando este a mudar constantemente e a se adequar aos novos padrões que emergiram.

Nossa percepção do corpo humano é sempre dependente das modas dominantes da época, esta percebida por nós a partir das representações em pinturas, fotografias e outros meios (SVENDSEN, 2010). Nos séculos XIX e XX, as novas técnicas de reprodução tornaram as formas de representações, como fotos e pinturas, mais acessíveis. Como resultado, houve uma explosão de estéticas e padrões corpóreos, principalmente, no século XX, devido ao consumo acelerado de informações.

A cada década, um estilo corpóreo foi surgindo, carregando influências passadas ou contrapondo uma estética vigente, assim como as tendências de moda. O corpo passou a ser moldado por cirurgias plásticas, musculação e aeróbicos. A pele pode mudar de cor com o bronzamento, ganhar figuras e adereços, como tatuagens e piercings, e o mais importante, neste século, é que ela é mostrada. A partir disso, as roupas foram colocadas em segundo plano nas representações de moda, o corpo agora possui valores simbólicos e, assim, se inicia a era do culto ao corpo.

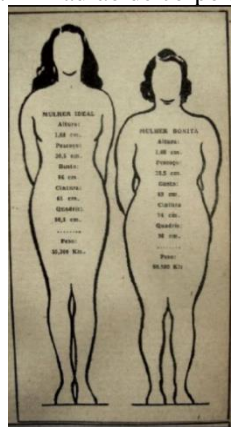
Com ideais propagados e promovidos nas revistas e na mídia, a maioria das mulheres tentam ajustar seus corpos às roupas ao invés de pensar nelas como algo que deve servir a uma gama de corpos. Segundo Emma McClendon, em *“The Body: Fashion and Physique—A Curatorial Discussion”* (2019), os corpos não estão errados, é o sistema de moda atual que é falho. Essa questão da moda e do corpo não é apenas sobre tamanho, é sobre idade, habilidade, mobilidade, raça e identidade de gênero.

Fazendo uma comparação entre as estéticas corporais durante o último século, é possível notar um processo cíclico de mudanças. Já no início do século, o corpo feminino começou a ter sua pele revelada, com as bainhas erguidas e com a tendência dos corpos bronzeados na década de 1920. O ideal de corpo era o ágil e juvenil, padrão que começou com a positividade das práticas esportivas nos anos 10.

Na chegada dos anos 1930, a cintura alta voltou a ser desenhada, as curvas do corpo começaram a ser valorizadas com o surgimento do biquíni, e o corpo ampolheta se tornou vigente até os anos 1960. Svendsen (2010) relata que, nos anos 1950, algumas

modelos extraíam suas costelas e o terceiro molar para se adequar às normas estéticas. Uma herança cultural que avançou nas décadas seguintes, algo que pode ser comprovado ao ver o avanço e a popularização de cirurgias plásticas na atualidade. Soares (2017) expõe em seu livro uma ilustração de revista dos anos 1940 do que seria a representação de um corpo ideal.

Figura 1 - Padrão de corpo anos 40



Fonte: SOARES, 2011

Nasce, na década de 1960, um novo padrão criado pelos jovens que estavam cansados das imposições vigentes. O corpo magro com pernas finas, costelas e clavículas aparentes - que antes era considerado antinatural - vestia saias curtas e roupas mais retas. Trouxe à tona a androginia e continuou nas décadas seguintes, mas com pequenas modificações, como mostra a figura 2.

Figura 2 - Corpos magros




Fonte: Compilação das autoras

Devido à massificação das mídias e ao acesso às academias nos anos 1980, a busca por um corpo magro e atlético aumentou por conta de sua exposição com roupas mais justas e curtas, ganhando, gradativamente, a liberdade de vestir e expor que temos hoje, concedida apenas àqueles que se esforçam com treinos e dietas para manter “tudo no lugar”.

Já nos anos 2000, o foco era ter a barriga chapada. As mulheres não se importavam muito com as curvas, o que foi mudando após a ascensão do reality show “Keeping Up With the Kardashians”. As filhas da família ainda são referência de um corpo ideal: busto e quadris largos com uma cintura bem marcada, magro e musculoso, assim como a saúde, sucesso e felicidade. Com a popularização de redes sociais, como o Instagram, esse ideal corpóreo vem sendo cada vez mais desejado, fazendo com que aplicativos de alteração e manipulação de imagem ganhem muita força. Algumas pesquisas, como a *"The Effect of Instagram on Self-Esteem and Life Satisfaction"* (2016) e *"Adolescent Self Esteem and Instagram: An Examination of Posting Behavior"* (2016), evidenciam como essa atitude causa a baixa autoestima, tanto em mulheres adultas como em adolescentes. De acordo com uma matéria do El País, de 2015, a França criou a Lei Anti-Anorexia, a qual proíbe a contratação de modelos consideradas desnutridas. Em uma matéria da FFW, o dado é que a lei entrou em vigor em outubro de 2017 e teve como acréscimo a obrigação de que todas as fotos modificadas digitalmente, especialmente as que emagrecem as modelos, tragam o aviso “*Photographie retouchée*” (fotografia retocada). O descumprimento da lei tem como penalidade uma multa e pode causar até 6 meses de prisão.

A quebra de padrões no século XXI

“*Body positive*”, em tradução livre “positividade corporal”, surgiu com o movimento *Fat Acceptance* na década de 1960. Os positivistas sexuais, nos movimentos de libertação das mulheres, começaram a promover abordagens positivas do corpo para a saúde sexual e reprodutiva. Atualmente, ele se refere à celebração da diversidade estética e expande os padrões de beleza, aceitando o seu próprio corpo, sem se importar com



tamanho, formato, cor de pele, gênero e habilidades físicas. Como objetivo, visa ensinar que todos os corpos têm seu valor e, portanto, devem, sem exceção, ser cuidados e respeitados.

Muitas pessoas também confundem o *Body Positive* com o Ativismo Gordo, mas, de acordo com a influenciadora Malu Gimenez, em uma publicação no blog “Todas Fridas” (2020), ao realizar sua pesquisa de doutorado, percebeu que muitas pessoas confundiam os dois movimentos e explicou que, diferente do *Body Positive*, “o ativismo gordo vai além da aceitação do próprio corpo, visto que a proposta é do empoderamento através do conhecimento para uma luta de despatologização e acessibilidade do corpo gordo na sociedade contemporânea”.

As novas tecnologias digitais permitiram que os ativistas do *Body Positive* organizassem grandes campanhas on-line com o objetivo de alcançar uma mudança cultural e resgatar o amor próprio, e o Instagram foi a rede mais usada para a popularização do movimento. “Eu adoto uma abordagem pluralista para o *body positive*, incorporando a ideia de que não devemos apenas expandir padrões estéticos, mas também celebrar aspectos da incorporação como nossa capacidade de prazer ou habilidades corporais” (LEBOEUF, 2019, p. 113).

No entanto, algumas feministas se preocupam com o foco esmagador do movimento dominante na beleza corporal, que corre o risco de perpetuar a exigência da busca pela beleza. Uma crítica bastante válida foi feita por Sastre (2014), ao argumentar sobre como o *Body Positive* reforça os valores heteropatriarcal, uma vez que estimula as mulheres a se autoobjetivar em nome da libertação. Já Darwin e Miller (2020) especulam que dentro do movimento a gordura corporal pode ser mais celebrada do que os pelos corporais, porque é menos associada à inversão de gênero. Nesse sentido, as autoras concluem que a positividade da gordura se tornou sinônimo de positividade do corpo e, em última análise, exerce uma influência hegemônica dentro do movimento. Por mais que esses autores tenham chegado em conclusões diferentes, ambos encontram evidências de que o privilégio de feminilidades particulares é sustentado às custas de outras articulações possíveis, portanto, as características corporais estigmatizadas permanecem marginalizadas dentro do movimento.

Considerações finais

Ao refletir sobre o nascimento do corpo magro como o ideal de beleza e saúde, é possível inferir e observar que as silhuetas sempre mudaram, mas a magreza sempre esteve presente. Métodos de emagrecimento foram surgindo, muitos deles não saudáveis e não ortodoxos e que ainda são muito usados, além disso, existem também os métodos digitais, como aplicativos de edição, usados para modificar completamente o corpo, criando uma falsa imagem dele.

Com a popularização desses corpos tidos como impossíveis, movimentos contra o culto ao corpo foram surgindo, tanto em formato de leis quanto em campanhas nas redes sociais. O *Body Positive*, por mais que não seja perfeito, nasceu como uma forma de combater esse ideal e trazer caminhos mais saudáveis de aceitação.


O corpo sempre foi e sempre será um objeto de estudo importante para a área da Moda. O corpo vestido - ou não - é reflexo da sociedade. Os movimentos atuais mostram como as relações com os corpos vem mudando, e o designer tem como papel observar essas mudanças e incluir todas as formas corpóreas para que, assim, seja possível extinguir esses padrões disseminados pelo próprio mercado da moda.

Referências

DARWIN, Helena; MILLER, Amara. Factions, frames, and postfeminism(s) in the Body Positive Movement. **Feminist Media Studies**, Inglaterra, v.20, Abril de 2020. Disponível em: <<https://helanadarwindotcom.files.wordpress.com/2018/05/factions-frames-and-postfeminism-s-in-the-body-positive-movement.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2021.

DION, Annette Nicole. The Effect of Instagram on Self-Esteem and Life Satisfaction. **Honors Theses**, Massachusetts, maio de 2016. Disponível em: <https://digitalcommons.salemstate.edu/honors_theses/91> Acesso em: 11 mai. 2021.

FFW. Na França, nova legislação requer que revistas de moda sinalizem o uso de retoques em seus editoriais. 2017. Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/na-franca-nova-legislacao-requer-que-revistas-de-moda-sinalizem-o-uso-de-retoques-em-seus-editoriais/>> Acesso em: 22 mai. 2021.



GIMENIZ, Maria L. **Todas Fridas**. 2020. Disponível em:
<<https://www.todasfridas.com.br/2020/01/31/se-liga-body-positive-nao-e-ativismo-gordo/>> Acesso em: 20 mai. 2021.

HILL, Anna; DENMAN, Lamaja. Adolescent Self Esteem and Instagram: An Examination of Posting Behavior. **Concordia Journal of Communication Research**, Minnesota, v. 3 , n. 4, junho de 2016. Disponível em:
<<https://digitalcommons.csp.edu/comjournal/vol3/iss1/4>> Acesso em: 10 mai. 2021.

LEBOEUF, Celine. What Is Body Positivity? The Path from Shame to Pride. **Philosophical Topics**, Florida, v. 47, n. 2, p. 113-127, 2019. Disponível em:
<<https://muse.jhu.edu/article/774358/summary>> Acesso em: 10 mai. 2021.

LEMONS, Ana Paula Soares; OLIVEIRA, Joaquim Humberto Coelho; MEIHY, José Carlos Sebe. Arte e obesidade: tempos estéticos do corpo feminino. **Almanaque multidisciplinar de pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 139-153, 2015. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/3128/1535>> Acesso em: 20 mai. 2021.

MACCLENDON, Emma. The Body: Fashion and Physique, A Curatorial Discussion. **Fashion Theory**, Nova Iorque, v. 3, n. 2 , p. 1-23, fevereiro de 2019. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1080/1362704X.2019.1567057>> Acesso em: 15 mai. 2021.

SASTRE, Alexandra. Towards a Radical Body Positive: Reading the online “body positive movement. **Feminist Media Studies**, Inglaterra, v.14, n.6, p. 929-943, fevereiro de 2014. Disponível em:
<<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14680777.2014.883420>> Acesso em: 10 mai. 2021.

SOARES, Carmen L. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: A educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. Campinas: Autores associados, 2017.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TERUEL, Ana. **El País**, 2015. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/03/cultura/1428076511_471564.html> Acesso em: 10 mai. 2021.

